

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

Ano VIII, Nº 253 - Volume XXVII - Porto Velho -  
Abril/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História  
ARNEIDE CEMIN - Antropologia  
FABÍOLA HOLANDA - História  
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia  
MIGUEL NENEVÉ - Letras  
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA

**ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO**

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: [primeiraversao@gmail.com](mailto:primeiraversao@gmail.com)

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970 PORTO VELHO-RO

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**253**



**Docente/Discente: O caminho do  
ensino/aprendizagem**

Sheila Castro



Sheila Castro dos Santos

**RESUMO**

Este artigo foi elaborado a partir de minha experiência no estágio da licenciatura em História e tem por objetivo tratar da aplicabilidade didática e da alteridade que estão no cotidiano da vida do educador, e a reflexão de qual a melhor maneira de dialogar com os alunos para a exposição do assunto, de maneira que o discente possa compreender durante a fala o que o professor deseja transmitir-lhe através de sua explicação. A linguagem deve tocar o outro a ponto dele participar do diálogo para que a aula não se torne monólogo e torturante para o educando e frustre o educador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade, Caminho, Docência, Aprendizagem.

A aplicabilidade dos diversos assuntos que são ministrados pelo professor em diversas turmas não ocorre da mesma maneira. Ao mudar de sala o educador não muda de assunto, as vezes tem que enfrentar diversas salas da mesma série, é óbvio que o assunto torna-se estafante e algumas vezes angustiante para um profissional que não possui em sua categoria programas de reciclagem com dinâmica na aprendizagem com novos métodos de ensino, política salarial digna de quem tem por profissão a docência. Mesmo com todas adversidades o docente deve mudar sempre sua técnica de ensino, esta mudança deve advir de sua consciência de educador. Algumas vezes o cansaço torna desestimulante e maçante para o docente que já fadigado acaba sucumbindo pela mesmice e a aula torna-se desinteressante para ele próprio quanto mais para os alunos que necessitam de estímulos para a aprendizagem. A necessidade do conhecimento dos arquétipos do *Caminho*, da *Alteridade*, da *Grande Mãe* e do *Pai*, são necessários para o docente lidar com as diversas situações que encontram em sala de aula.

É necessário da parte do professor ter a consciência que o saber não tem como ser linear a quem é aplicado, o ensinar possui curvas acintosas que não são fixas, pelo contrário estas se movem na fala do professor no diálogo, no modo como ele expõem o

assunto. Nas escolas, sejam elas de ensino fundamental ou médio a multiformidade e a aplicabilidade do ensino devem ser diversificada, mas isso não quer dizer que esta prática seja realizada nas escolas públicas.

A escola por ser um espaço indicado para o aprendizado e a inclusão do indivíduo à sociedade, deve possuir espaço físico adequado para que possa propiciar ao professor e aluno um ambiente de educação e desporto. Concordo com Nunes<sup>1</sup> (2006) quando se refere à escola se constituindo em locus privilegiado de acesso, aos bens culturais produzidos e valorizados pela humanidade, mesmo que outros espaços sociais e comunitários contribuam para a formação dos sujeitos, mas é dentro do locus escolar (lugar onde possa proporcionar ao docente e ao discente veículo para as relações educacionais de ensino e aprendizagem) que o indivíduo adquire conhecimentos de como ser cidadão.

Os processos de urbanização parecem ter confinado a escola, cada vez mais a função de formação dos sujeitos, o que a transformou em espaço social privilegiado de convivência e em ponto de referência fundamental para a constituição das identidades de seus alunos, e é devido a função de formador de cidadão que a escola necessita ser este locus educacional. Se a ela foi delegada a função das novas gerações como afirma Bueno<sup>2</sup>, novas gerações em termos de acesso à cultura de sua sociedade e de outras, de formação do cidadão e de constituição do sujeito social. Se, em determinados momentos históricos a escola se constituiu locus privilegiados de acesso ao cinema, ao teatro produzido e valorizado pela sociedade em que estão inseridos, já que outros espaços sociais e comunitários (como a "família" ou "vizinhança") contribuem para a formação dos sujeitos no decorrer de sua existência.

Dentro e fora da escola o educador pode intervir de forma construtiva no aluno, mostrando a necessidade de participação crítica e de análise da sociedade em que vive. Formar cidadão é dever do corpo educacional que está inserido na escola de acordo com Fonseca para que a consciência crítica seja formada na comunidade estudantil a:

---

<sup>1</sup> NUNES, Lina Cardoso. **Escola Pública: Espaço de Autonomia e Democracia?** Rio de Janeiro: [http://www.abcdigital.org.br/educacao/publicacoes\\_educador.asp,2006](http://www.abcdigital.org.br/educacao/publicacoes_educador.asp,2006)

<sup>2</sup> BUENO, José Geraldo Silveira. **Função Social da Escola e Organização do Trabalho Pedagógico.** Curitiba: UFPR, 2001.

metodologia deve se sustentar sob bases dialógicas, ensejadas pela animação docente, e na atividade de pesquisa e investigação, identificada com o progresso de aprendizagem. O objetivo deve ser a construção de conceitos, possibilitadores da produção de uma leitura de mundo.

Dentro dessa orientação, a construção do conhecimento histórico se sustenta no processo indutivo de conhecimento – partindo do nível do particular e do sensível para alcançar a conceituação e a problematização abrangente. (2007:34)

Se a escola não for capaz de constituir com valores humanitários a identidade do alunado ela não estará cumprindo seu papel, é neste momento em que a comunidade perde, pois o indivíduo sem formação crítica dos acontecimentos que estão ocorrendo em sua comunidade não tem como participar criticamente dela.

As escolas viraram depósitos de sujeitos que devido falta de espaço, falta de pessoal capacitado para o ensino, melhorias na própria condição da efetivação do ensino, ela deixa de exercer a função de formar cidadãos e inseri-los na sociedade, não consegue concluir o propósito para que foi criada como afirma Bueno,

... apesar de todo o discurso e da quantidade crescente de estudos sobre o fracasso escolar, o fato é que de forma geral ele tem permanecido encoberto, muitas vezes por formas que são pouco percebidas pelos próprios agentes educacionais. Embora possamos considerar que a escola pública anterior à sua massificação, se apoiava em processos altamente seletivos de oferta de vagas, foi se construindo, no decorrer de sua ampliação, nas últimas décadas, no Brasil, uma tradição de ensino de qualidade que foi se deteriorando com o advento da escola de massas. Se, em épocas passadas, os processos de seletividade escolar eram mais visíveis, como, por exemplo, a não oferta de vagas a todos ou os processos de reprovação nas séries iniciais, com a pressão dos órgãos centrais para a diminuição da reprovação e conseqüente repetência escolar, hoje uma parcela significativa do alunado tem permanecido na escola sem que dela tenha usufruído, ou melhor, de forma ainda mais explícita... (2001: 49)

Até mesmo as normas que administram atualmente o sistema de educação brasileira (LDB) e que deveriam abranger todos os processos de formação do indivíduo não o faz. É claro, que há outras concepções de educação como as do trabalho, nos movimentos sociais, na própria família, mas estas são diferentes, pois educação familiar é voltada para os bons modos, boas maneiras de se portar diante de outros.

Dentro das instituições de ensino e pesquisa, percebe-se desse modo que há várias maneiras de compreendermos educação, e um deles é de que a escola vem sendo usada pelo Estado como instrumento organizacional com o dever de instruir e introduzir os cidadãos ao mercado de trabalho formando sempre nova mão-de-obra (não que formar mão de obra seja errado, mas que seja formação de cidadãos que ao serem inseridos como trabalhadores sejam conscientes e que possam reconhecer em quais processos estão incluídos) e os deixando alienados dos seus direitos e deveres para Gramsci<sup>3</sup> as escolas possuem por formação o ingresso do indivíduo e as noções dos direitos e deveres para que possa ser introduzido na vida estatal

Nas escolas elementares, dois elementos participavam na educação e na formação das crianças: as primeiras noções de ciências naturais e as noções dos direitos e deveres dos cidadãos. As noções científicas deviam servir para introduzir o menino na *societas rerum*, ao passo que os direitos e deveres para introduzi-lo na vida estatal e na sociedade civil (1989 p.129)

E, dessa maneira a escola deixa sua função principal que é a de ser o lócus educacional, para se tornar adestradora de trabalhadores surdos e mudos. Para Bueno (2001), a escola tem sido tratada, grande parte das vezes, pela literatura especializada, como uma instituição abstrata, na medida em que muito tem sido escrito sobre uma escola genérica, que parece cumprir suas funções de forma homogênea, independente de sua origem e história. A escola não é abstrata ela possui prédio ou seja está localizada em determinado lugar, e dentro dela possui administradores que na maioria das vezes estão envolvidos politicamente, e que são indicados a dedo para agirem tal qual feitores, policiando as falas, envolvendo-se com as notas, o professor já não tem autonomia de reprovar, a escola está amarrada como fantoche, nas mãos dos políticos, ela virou lugar de voto de manipulação, diante disso o educador não encontra ambiente onde possa preocupar-se com sua função que é a de educar.

A função de educar para quem se gradua em licenciatura e pretende exercer-la deve ser vivida desde o início de sua vida letiva, não digo que o graduando dê aula mais sim perceba a grandiosidade da práxis educacional, sua função, ainda como aluno deve ser de

---

<sup>3</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

adquirir habilidades de educar, essas habilidades que surgem na academia onde passamos pela alguns anos na graduação, aprendendo com as disciplinas, com leituras, discussões, pesquisas em como lidar com situações impostas ao educador.

É também na academia dentro da graduação onde aprendemos a levar os alunos a refletirem pensarem, creio que seja uma questão de amor à profissão. O professor deve buscar a melhor maneira de falar com seus alunos expondo o assunto de maneira que o discente possa compreender durante sua fala a explicação, a linguagem deve tocar o outro a ponto dele participar do diálogo e não ser um monólogo torturante para o aluno e que frustre o professor, devemos manter sempre vivo na memória que já fomos alunos desse modo saberemos nos afastar do monólogo torturante.

Algumas vezes o cansaço torna desestimulante e maçante para o docente que já fadigado acaba sucumbindo pela mesmice e a aula torna-se desinteressante para ele próprio quanto mais para os alunos que necessitam de estímulos para a aprendizagem.

Questionamentos me foram surgindo. De que maneira o educador que não pode contar nem com o material didático pode envolver o aluno? E, se ele conseguir mesmo sem material didático apreender a atenção do aluno como fazer com que o aluno possa colocar em prática seus ensinamentos para que no final do ano letivo tudo não seja esquecido? É assustador ao adentrarmos as escolas e vermos quando chegamos às salas não ter estrutura para receber alunos e professor, com espaço reduzido para o desporto, sem material pedagógico apropriado, os professores incapacitados de discussão crítica a respeito de sua realidade, pois o diretor ou supervisor sempre estão próximos. Esses questionamentos não serão respondidos o que pretendo é lhes fornecer reflexão a respeito do assunto.

Mesmo com tantas mudanças ocorrendo nas escolas e no ensino ainda não temos uma educação de qualidade, porém faz-se necessário que o educador tenha por ideologia o pressuposto do ensino. O ato de ensinar é exercido e manifestado pelo verdadeiro educador amante do ensino por quem consegue fazê-lo com amor, paixão e emoção. Em uma palestra que assistir o professor Dr. Byington<sup>4</sup> enfatizou em vários momentos que o educador não deve fazer separação entre emoção e a *razão*, pois quando há separação

---

<sup>4</sup> BYINGTON, Carlos B. (Pedagogia Simbólica – Centro de Vivência em Psicologia - palestra realizada no ministério público de Porto Velho)

entre as duas a aprendizagem não é atingida ela fica simplesmente em nível de informação e o aluno esquece quase tudo o que foi ensinado.

O ensino com prazer deve ser realizado por todos educadores não importando área em que atuam o domínio de sua disciplina torna-se primordial. Entendo que os educadores em História como afirma Fonseca<sup>5</sup> (2007) devem ter a História como disciplina escolar é constituída de saberes considerados fundamentais no processo de formação da consciência dos jovens. Nesse sentido, ela passou por mudanças significativas no que se refere aos métodos, conteúdos e finalidades, configurados nos currículos prescrito e vividos na sala de aula. Isso nos faz pensar a História como uma disciplina, fundamentalmente, formativa. Contudo a História, como disciplina escolar, possibilita ampliar os estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para reflexões sobre as possibilidades, necessidades, mudanças e / ou continuidades. O ensino de História, pautado no caráter humanista, que impede a constituição de uma visão apenas utilitária e profissional da disciplina. Contudo é importante considerar a pluralidade de sujeitos, homens e mulheres que fizeram e fazem parte da história.

O professor de história tem por função ensinar o aluno a ser crítico, ser conhecedor dos seus direitos, deverá buscar alcançar a plena educação mesmo com dificuldades ele deve galgar caminho que leve o aluno ao aprendizado e a reflexão, conduzir o aluno a fazer amalgamas com as outras disciplinas contextualizar com a realidade vivida, são algumas das funções do educador, ele deve agir de acordo para que seus alunos possam gozar de uma aprendizagem com acesso a criatividade, análises críticas e diálogos para que haja uma troca de conhecimento, para Perrenoud<sup>6</sup> a perspectiva de uma escola mais eficaz para todos, organizar e dirigir situações de aprendizagem deixou de ser uma maneira ao mesmo tempo banal e complicada de designar o que fazem espontaneamente todos os professores. Essa linguagem acentua a vontade de conceber situações didáticas ótimas, inclusive e principalmente para os alunos que não aprendem ouvindo lições (...) Organizar e dirigir situações de aprendizagem é manter um espaço justo para tais procedimentos. É, sobretudo, despender energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de

---

<sup>5</sup> FONSECA, Selva Guimarães. **Currículos, Saberes e Culturas Escolares**. São Paulo; Alínea, 2007.

<sup>6</sup> PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre; Artes Médicas Sul, 2000.

situações de aprendizagem, que as didáticas contemporâneas encaram como situações amplas, abertas, carregadas de sentido e de regulação, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas. (2000 p.25)

A argumentação a ser evidenciada na prática da docência é específica a cada sala, e, é particular a cada professor e aluno. Com isso as explicações devem tocar o discente no contexto social em que estão inseridos, pois não adianta usar determinado tipo de linguagem que não faça sentido ao aluno, o conhecimento só poderá ser interligado no contexto em que ele for realizado, isto de acordo com a realidade simbólica, de cada aluno na busca de compreender o conhecimento da diferença de cada aluno e a possibilidade de que o educador continue a exercer sua profissão com o mesmo entusiasmo do início de sua carreira.

Fiz breve explanação sobre a escola, ensino e aprendizagem, deste modo agora apresentarei os arquétipos que acompanham o educador em sua jornada diária, a "*Alteridade*" como tratar a diferença de cada aluno, o arquétipo da "*Grande Mãe*" como proporcionar a educação com alegria e amor, o arquétipo do "*Grande Pai*" saber que o ensino também deve ser ministrado com seriedade e respeito e o arquétipo do "*Caminho*" que está presente desde o momento de sua escolha pela profissão, seja qual profissão for, tem-se um caminho a seguir, condicionado a escolhas e exclusões. Para Baptista<sup>7</sup> o arquétipo do caminho é uma dimensão humana em constante movimento em que se constrói a cada instante processos de individuação, é um infundável gerúndio, ou seja, não tem fim enquanto estivermos vivos ele nos acompanhará. Logo quando escolhermos o caminho da docência, temos que saber que a regência da sala de aula virá, devemos estar preparados. Para Baptista o conhecimento de si mesmo é o anseio de todo ser humano; quando adocece é como se tivesse se perdido de seu caminho natural. Buscar a própria identidade, retomar o caminho para se atualizar como indivíduo são reclamos da natureza. Adoecimento indica que o indivíduo distanciou-se de si mesmo. Sair do seu caminho leva ao adoecimento; do corpo, da alma, ou de ambos. (2008 p. 24)

Será que os docentes estão deixando o caminho escolhido devido as dificuldades e com isso adoecendo, deixar o caminho devido as más estruturas que lhes são fornecidas, a falta de material, a própria direção ditando as regras para que os professores aprovelem alunos que não tem capacidade. Os alunos sem interesse, desmotivados e sem intuito, a necessidade que os pais possam

---

<sup>7</sup> BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **O Arquétipo do Caminho: Guilgamesh e Parsifal de mãos dadas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.



procurar saber o que acontece com seus filhos. Para o professor resta cumprir seu destino de educador e fazer seu melhor com seus métodos de ensino para Galiás<sup>8</sup> (1989) o professor, ao ensinar, estará tão estruturado na sua personalidade, quanto o aluno ao aprender, pelos símbolos dos mesmos arquétipos

Por ser um padrão pós-parental, é no exercício da alteridade que os educadores poderão dar o devido espaço para os dinamismos parentais, que aqui, então poderão estabelecer entre si uma relação dialética. É deste enfoque que o educador poderá perceber a igual importância para o aprendizado tanto da brincadeira, descontração, riso, afetividade, liberdade e contato corporal, imitação, espontaneidade emocional etc. (símbolos frequentes do dinamismo da Grande-Mãe) como da concentração, atenção, repetição, memorização, disciplina, discriminação, obediência, etc. (símbolos tão frequentes do dinamismo do arquétipo do pai).

Não somente a relação professor-aluno, mas também a relação educador-família do aluno e a relação dos membros entre si de uma instituição de ensino, serão fatores relevantes para o aprendizado.

Se o educador não tiver em sua personalidade as possibilidades dadas pelo dinamismo do *animus* e *anima*, dificilmente ele poderá atender às dificuldades inerentes a essas complexas relações intra-institucionais (escola) e interinstitucionais (escola-família). (1989 p.91-93)

A difícil e útil tarefa de poder e saber ouvir o que o outro tem a nos dizer, não só quando concordamos com ele, mas principalmente quando dele discordamos nos traz o desenvolvimento do padrão da alteridade que os educadores devem possuir, para Byington<sup>9</sup> ao falarmos dos arquétipos da grande mãe e do pai devemos equipara-los para que não haja uma rispidez na educação.

O estudo e a compreensão do dinamismo material têm sofrido intensamente com o viés patriarcal dominante no Ocidente. A austeridade do dinamismo patriarcal dominante, reduziu, historicamente, na psicologia, o dinamismo matriarcal ao princípio do prazer, ao feminino, ao infantil, ao “bom selvagem” e ao narcisismo matriarcal ao princípio primário. Ao mesmo tempo que reduzia o dinamismo

---

<sup>8</sup> GALIÁS, Iraci. **Ensinar – Aprender: Uma Polaridade no Desenvolvimento Simbólico.** In: Junguiana. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. Nº. 7 ISSN 01308251989 Rio do Janeiro, 1989. p.p: 89-99.

<sup>9</sup> BYINGTON, Carlos B. **A Democracia e o Arquétipo da Alteridade.** In: Junguiana. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. Nº. 10 ISSN 01308251989 Rio do Janeiro, setembro 1992. p.p: 92-103

matriarcal ao princípio do prazer a dinâmica patriarcal de nossa tradição histórica se identificava com o princípio da realidade. Nada mais reduutivo e preconceituoso. O dinamismo matriarcal é fundamental na vida desde o nascimento até a morte e abrange igualmente o homem e a mulher, os idosos e as crianças. O Arquétipo da Grande Mãe, que rege o dinamismo matriarcal, se expressa na mitologia pelas imagens das deusas e dos deuses da fertilidade, geralmente representativos das forças da natureza. Na personalidade, o dinamismo matriarcal se expressa pela grande intimidade emocional, pela sensualidade, pela expressividade exuberante das emoções em grupos e das funções corporais, cultivando o preparo de comidas e bebidas, a dança e o canto, a sexualidade, o sentimento e a intuição. O padrão de consciência que caracteriza o dinamismo matriarcal é uma grande proximidade da relação Eu-Outro (1992 p.100)

De modo, que para Byington ao ser ativado para a busca do encontro o arquétipo da alteridade tem uma relação muito especial com os dinamismos matriarcal e patriarcal. Por outro lado, ele luta pela interação livre e igualitária, destes dois dinamismos, junto com todas as demais polaridades psíquicas. E, por outro lado, ele se esforça para vivenciar a sensibilidade matriarcal e a organização patriarcal, sem se identificar ou ser dominado por elas, ele busca fazer balanceamento destes arquétipos para que possamos usá-los, na docência isto pode ser entendido pela voz do professor ao saber o momento de educar, o momento de descontrair, o momento corrigir, o educador ao vivenciar as experiências em sala de aula deve ter consciência de que ele será o primeiro a ser visto e em algumas ocasiões citado e imitado.

O educador não é o dono do saber apenas detém uma parte dele e técnicas para ensiná-lo, e o saber não é mercadoria para ser vendido e consumido ele deve ser buscado, conquistado e explorado, o educador deve conhecer o máximo possível de formas para ensinar, pois o sistema educacional não o ajudará a trilhar seu caminho. O caminho do educador na maioria das vezes é solitário se resume a ele e seu ideal para o ensino, logo ele deve esta sempre buscar novos métodos, novas parcerias para trilhar seu caminho.

## Bibliografia

- BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **O Arquétipo do Caminho: Guilgamesh e Parsifal de mãos dadas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- BYINGTON, Carlos B. **A Democracia e o Arquétipo da Alteridade**. In: Janguiana. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. Rio do Janeiro, setembro 1992. p. 92-103
- BUENO, José Geraldo Silveira. **Função Social da Escola e Organização do Trabalho Pedagógico**. Curitiba: UFPR, 2001.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa; Presença, 1989.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. São Paulo; Autêntica, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GALIÁS, Iraci. **Ensinar – Aprender: Uma Polaridade no Desenvolvimento Simbólico**. In: Janguiana. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. Rio do Janeiro, 1989. p. 89-99.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- MOSER, Lílian Maria. **Da Teoria a Prática: Experiência no ensino de História**. In **Formação Docente e Estratégias de Integração Universidade / Escola nos Cursos de Licenciatura**. Porto Velho, EDUFRO, 2008.
- NIKITIUK, Sônia L. (Org). **Repensando o Ensino de História**. São Paulo; Cortez, 2001.
- NUNES, Lina Cardoso; CORREIA, Cátia Caldas; BULAMARQUI, Elisabete Romero e BORGES, Renata Barcellos. **Escola Pública: Espaço de Autonomia e Democracia?** Rio de Janeiro: [http://www.abcdigital.org.br/educacao/publicacoes\\_educador.asp](http://www.abcdigital.org.br/educacao/publicacoes_educador.asp), 2006.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre; Artes Médicas Sul, 2000.

# VITRINE

## LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças

<http://www.cbfc.com.br>

Ibero-american Science & Technology Consortium

[www.istec.org](http://www.istec.org)

Educação no exterior

[www.fastweb.com](http://www.fastweb.com)

Linguas

[www.weblinguas.com](http://www.weblinguas.com)

downloads

[www.downloads.com](http://www.downloads.com)

[www.superdownloads.com.br](http://www.superdownloads.com.br)

[www.tucows.com](http://www.tucows.com)

[www.zdnet.com/downloads](http://www.zdnet.com/downloads)

Arte

[www.mundodaarte.com.br](http://www.mundodaarte.com.br)

Picasso

[www.clubinternet.com/picasso](http://www.clubinternet.com/picasso)

Literatura de Cordel

[www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html](http://www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html)